

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020



**Instituições, personalidades e espólios arqueológicos  
contributos para a Arqueologia portuguesa**

**Editor Científico: João Luís Cardoso**

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**  
2020

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.  
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**AS EXPLORAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS EM MONTE REAL (LEIRIA)  
EM 1865 POR FREDERICO AUGUSTO DE VASCONCELOS PEREIRA CABRAL  
OU A HISTÓRIA DE UMA PLACA DE XISTO GRAVADA PRÉ-HISTÓRICA**

***THE ARCHAEOLOGICAL EXPLORATIONS CARRIED OUT IN MONTE REAL  
(LEIRIA) IN 1865 BY FREDERICO AUGUSTO DE VASCONCELOS PEREIRA  
CABRAL OR THE HISTORY OF A SCHIST PREHISTORIC ENGRAVED PLAQUE***

João Luís Cardoso\*

**Abstract**

In this paper we publish the report prepared in 1866 by Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral (1820-1886) after his visit in 1865 to Monte Real, concerning the characterization of the geological conditions of a funerary deposit of Neolithic age occasionally found in the previous year and whose human remains were then buried in the local cemetery.

Among the scarce spoils that the author obtained in 1865 from the inhabitants of Monte Real, there is a schist plaque that was, together with the exemplars recovered in the excavations of Nery Delgado held in the same year in the cave of the Casa da Moura the first to be duly recognized as prehistoric artifacts.

The scientific quality of this report would suffice to place its author among the pioneer archaeologists of Portugal, confirming his priority in other contributions of a geological and archaeological nature, such as the publication in 1881 of the first Paleolithic artefacts collected in Portuguese territory.

This study is also a contribution to draw attention to the pioneer activity of its author in the field of Archeology, as a member of the Geological Commission of Portugal.

*Keywords:* Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral; first prehistoric studies in Portugal; History of Archaeology; Monte Real; schist plaque.

**1 – ANTECEDENTES**

Francisco António Pereira da Costa, Lente de Mineralogia da Escola Politécnica foi membro co-director da segunda Comissão Geológica de Portugal (1857-1868). No âmbito das tarefas desenvolvidas naquela comissão, apresentou em 1867 ao Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado em Paris em Agosto de 1867 comunicação onde abordou os monumentos megalíticos portugueses, que ocupam a maior parte da mesma, correspondente à inventariação de trinta e nove dólmenes, distribuídos pelo Alentejo, Estremadura, Beira e Trás-os-Montes. Tal comunicação, cuja apresentação oral foi ilustrada por moldes em gesso expressamente preparados em Lisboa para o efeito foi incluída no volume das actas, sob a

---

\* Catedrático de História (Pré-História e Arqueologia) da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

forma de notícia apresentada por Gabriel de Mortillet (MORTILLET, 1868 a, b), resultou em boa parte de trabalhos de campo realizados por outros membros da Comissão Geológica, designadamente Carlos Ribeiro e Nery Delgado, a par de outros, como Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, com a ajuda preciosa dos coletores, cujo papel foi determinante nos primeiros reconhecimentos geológicos do país, embora usualmente seja esquecido (CARNEIRO, 2005; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013).

No ano seguinte, Pereira da Costa publicou memória sobre os monumentos dolménicos a cujo conhecimento teve acesso, constituindo o desenvolvimento da comunicação apresentada em Paris, na qual reproduz assinalável conjunto de dólmenes, em belos desenhos a carvão, a par de diversos artefactos de pedra polida; porém, nenhuma placa de xisto é representada nem mencionada no texto, apesar das escavações que realizou se terem centrado no Alto Alentejo norte-oriental, onde tais artefactos são comuns (COSTA, 1868).

É neste contexto que surge o interesse pelas placas de xisto como objectos arqueológicos, as quais, sendo comuns em dólmenes alto-alentejanos, foram consideradas pela primeira vez numa perspectiva científica pelo próprio Pereira da Costa, que os explorou em primeiro lugar, ainda que, como acima se referiu, não tenha em nenhum deles encontrado qualquer placa de xisto.

A identificação de placas de xisto em Portugal como objectos pré-históricos remonta aos inícios da segunda metade do século XIX, embora ainda na primeira metade do século XVIII Estêvão de Lis Velho tenha desenhado uma placa de xisto, recolhida em 1591 em depósito funerário existente junto à praia de São Torpes (Sines) (VELHO, 1746), atribuído à sepultura daquele santo, falecido em Pisa, no ano de 65 d.C. Tal placa conservou-se, a par de alguns restos humanos e de um recipiente de barro, observados por Leite de Vasconcelos, que desenhou de novo a placa (VASCONCELOS, 1914), reconhecendo-lhe o seu verdadeiro significado arqueológico (SILVA & SOARES, 1981).

## 2 – HISTÓRIA DE UMA PLACA DE XISTO

Foi pena que o diferendo que se estabeleceu entre Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, o outro membro-director da Comissão Geológica (CARDOSO, 2015), tivesse, a curto prazo, ditado, por Decreto de 1 de Fevereiro de 1868, o fim da instituição (CARDOSO, 2013 ; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013, p. 53) e, com ele, o da intensa investigação, tanto a nível paleontológico como antropológico e arqueológico que Pereira da Costa nela vinha desenvolvendo.

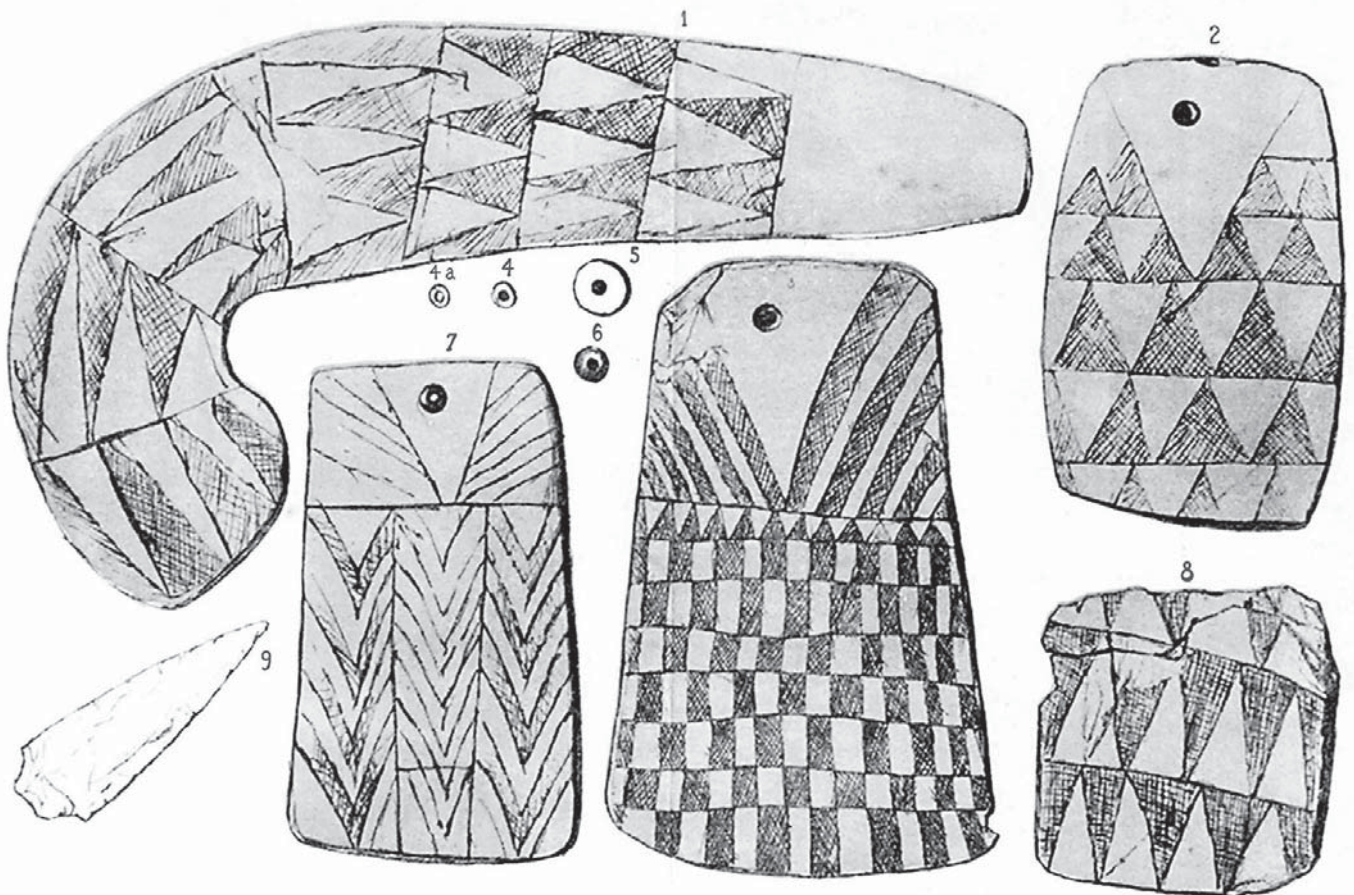
Mas a dissensão já teria antecedentes, que explicam a suspensão da execução dos trabalhos tipográficos de um álbum ilustrado por litografias coloridas de exemplares pré-históricos coligidos pela Comissão Geológica, o qual se destinava a apresentação na Exposição Universal de Paris de 1867. É o próprio Pereira da Costa que o declara (COSTA, 1868, p. V):

*“Por ocasião da Exposição que se projectou fazer, fui encarregado, por uma resolução da Comissão directora dos Trabalhos Geologicos, de fazer um catalogo descriptivo e illustrado com figuras dos principais objectos existentes na colecção da Comissão geológica, e que pertencem à anthropologia e à arqueologia prehistoricas do nosso paiz.*

*Depois de ter feito a escolha e descripção dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d’esses objectos, occorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticável a conclusão d’este trabalho (...).”*

Esse conjunto de estampas, realizadas sob orientação de Pereira da Costa foi entretanto publicado (CARREIRA & CARDOSO, 1996), permanecendo ainda por dar à estampa um bellissimo conjunto de dez litografias representado dolmenes, e outros artefactos neles recuperados, cuja localização, salvo excepções, se desconhece. É neste segundo conjunto de dez litografias que ocorre uma, reproduzindo alguns dos exemplares neles recolhidos, entre os quais um báculo e quatro placas de xisto, uma delas incompleta, que constituirão o objecto deste contributo.

A Estampa X, a última do conjunto acima referido, possui, como as restantes as dimensões de 0,50 por 0,32 m, apresentando-se impressa em papel encorpado, tendo sido litografada por Castro, cujo nome se encontra impresso no canto inferior esquerdo. Os desenhos foram feitos a carvão e possuem uma sobrecarga de coloração cinzenta-clara, procurando-se reproduzir assim, de forma aproximada, a cor original dos objectos reproduzidos. Os nove desenhos de materiais arqueológicos nela existentes não possuem indicação de proveniência. Tal facto tornava esta estampa quase desprovida de interesse científico, não fosse a possibilidade de, mediante estudo o comparativo realizado e o recurso a documentação inédita do arquivo de Estácio da Veiga, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, ter sido possível recuperar tal informação para a maioria dos exemplares nela representados (CARDOSO, 2016).



**Fig. 1** – Estampa litografada representando um conjunto de artefactos provenientes de monumentos pré-históricos portugueses executada por iniciativa da Comissão Geológica de Portugal antes de 1868. 1 – báculo de xisto com decoração numa única face, proveniente da sepultura de Martim Afonso (Muge); 2 – placa de xisto do depósito funerário de Monte Real (Leiria); 3 e 7 – placas de xisto recolhidas aquando da abertura do caminho de ferro, perto de Viana do Alentejo; 8 – fragmento de placa de xisto de origem desconhecida. Arquivo do Autor.

Na estampa em causa, a placa n.º 2 é a que interessa a este trabalho em particular; foi dada como proveniente de Monte Real, com base em nota manuscrita de Estácio da Veiga aposta na mesma folha de papel de seda onde executou o decalque da peça, conservada no Arquivo do arqueólogo algarvio conservado no Museu Nacional de Arqueologia onde foi identificada pelo signatário, que entretanto a publicou (CARDOSO, 2016, Fig. 3). Tal nota consta do seguinte:

*“Monte Real (Leiria)/Coll. da Esc. Polytechnica de Lisboa. Enviada pelo Sr. Fred. A. de Vasconcellos Pereira Cabral – com a nota de sepultura antiga – onde havia muitos ossos, sílex, etc.”*

A mesma placa foi reproduzida por Augusto Filippe Simões (SIMÕES, 1878, Fig. 31) na sua obra de síntese precocemente redigida sobre a Pré-História da Península Ibérica, embora nada diga quanto às características da estação arqueológica de onde provém.

Foi com base nestes escassos elementos, sobretudo o decalque de Estácio da Veiga, no qual se informa que tal placa foi recuperada pelo Dr. Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral, então adjunto à Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, que se procurou recuperar a história deste exemplar, o qual se manteve na posse da sua antecessora, a Comissão Geológica de Portugal, até à extinção da mesma, em 1868.

Com efeito, sabe-se que, pelo Decreto de 23 de Dezembro de 1868, foi determinado o transporte para a Escola Politécnica de todos os pertences da extinta Comissão Geológica, incluindo a livraria e colecções (CARDOSO, 2008, 2013, 2015), na sequência da extinção da dita Comissão a 1 de Fevereiro de 1868. Tal foi a razão pela qual Estácio da Veiga a observou e decalcou já na Escola Politécnica, na década de 1880, no âmbito da preparação da obra *Antiguidades Monumentais do Algarve*, em cujo volume 2 (VEIGA, 1887) insere um notável estudo sobre a presença deste tipo de peças no território português.

As razões que motivaram a nova transferência desta peça, da Escola Politécnica para o Museu Nacional de Arqueologia, onde actualmente se encontra, por acordo estabelecido entre o então Director da Escola e José Leite de Vasconcelos, conforme este último informa (VASCONCELOS, 1905) não são difíceis de entrever: resultaram da opção então tomada pelos responsáveis pelas colecções daquele estabelecimento científico de não terem interesse na conservação de materiais arqueológicos, desprovidos de interesse para o ensino superior de natureza científica e técnica nele ministrado. Ao contrário, os espólios antropológicos provenientes das antigas colecções da Comissão Geológica de Portugal conservaram-se naquela instituição onde ainda foram ali vistos pelo signatário antes trágico incêndio de 1978.

Após a sua entrada no Museu Etnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), a placa de Monte Real só voltou a ser referida em 1922. Com efeito, Manuel Heleno, no início da sua carreira como arqueólogo, publicou monografia dedicada a Monte Real, sua terra natal. Tratando das ocupações humanas



Fig. 2 – Pormenor da Fig. 2, correspondente à placa n.º 2, proveniente de Monte Real. Arquivo do Autor.

Monte Real (Leiria)



Coll. da Est. Polytechnica de Lisboa  
Enviada pelo Sr. Fred. A. de Vasconcellos  
Pereira Cabral - com a nota de sepultura  
antiga - onde havia muitos ossos, silis, etc.

Fig. 3 - Decalque da placa de Monte Real efectuada em papel de seda por S. P. M. Estácio da Veiga, quando a mesma se encontrava depositada na Escola Politécnica, e por ele mencionada (VEIGA, 1887). Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto do Autor.

mais antigas, refere que em 1864 foi descoberto acidentalmente, por quatro cabouqueiros uma gruta sepulcral de onde se extraíram numerosos restos humanos, os quais foram enterrados no cemitério local, supondo que se tratavam de vítimas dos Franceses (HELENO, 1922, p. 7). No entanto, acrescenta, logo houve quem entendesse que tais restos ascendiam a uma época muito mais recuada, visto se encontrarem acompanhados de utensílios líticos, entre os quais “*objectos de lousa, ornamentados de um só lado, que pela descrição que me fizeram reconheci serem chapões preistóricos.*” (op. cit., p. 8).

É evidente que, em 1864, a conotação de tais restos humanos a populações pré-históricas só poderia ter sido feita por quem tivesse alguns conhecimentos na matéria, atribuindo Manuel Heleno ao deão da Sé de Leiria tal conclusão, desconhecendo que a mesma se devia ao adjunto da Comissão Geológica de Portugal Frederico António de Vasconcelos Pereira Cabral.

Apesar de Manuel Heleno ter declarado que a suposta gruta teria fornecido diversos chapões de lousa, o mesmo optou, no citado estudo, por atribuir ao único exemplar conservado, uma proveniência distinta, atribuindo-o a uma anta, a pretensa “*anta de Monte Real*” (HELENO, 1922, p. 8) nos seguintes termos:

*“Anta de Monte Real. – à anta de Monte Real referiram-se acidentalmente Filippe Simões e Estácio da Veiga, mas nenhum deles descreve o pequeno espólio lá encontrado, a não ser um chapão. Êste espólio veio do Museu Mineralógico da Escola Politécnica para o Museu Etnológico Português (...).”*



**Fig. 4** – A placa de xisto recolhida em Monte Real, conforme foi reproduzida por A. F. Simões em 1878 (SIMÕES, 1878, Fig. 31).



**Fig. 5** – A placa de xisto de Monte Real, conforme foi reproduzida por Manuel Heleno (HELENO, 1922, Fig. 5).



No entanto, a passagem da obra de Augusto Filipe Simões não autoriza a concluir pela existência de qualquer anta:

*“As placas de schisto riscadas parece terem sido usadas pelos constructores das antas, por se encontrarem algumas d’ellas nas antas de Bellas e de Pavia. Em Bellas, Ancião, Monte Real e Cova da Estria encontraram-se juntamente facas de sílex (...)”* (SIMÕES, 1878, p. 52).

É provável que este lapso tenha sido incidentalmente devido a Estácio da Veiga ao declarar o seguinte (VEIGA, 1887, p. 460):

*“Monte Real. – O dr. A. F. Simões (...) refere-se á anta de Monte Real, perto de Leiria, onde foi achada uma placa de schisto gravada, que representa com o n.º 31. O original, de que tenho copia, está no museu mineralógico da escola polytechnica.”*

Esclarecida a não existência de qualquer anta em Monte Real, ainda assim o contributo de Manuel Heleno foi meritório, ao ter de novo desenhado a placa de xisto com maior rigor que as reproduções anteriormente apresentadas (HELENO, 1922, Fig. 5). Note-se que, à época, nem a gravura da Comissão Geológica, nem o decalque efectuado por Estácio da Veiga tinham sido publicados. Heleno fez acompanhar o desenho da placa dos desenhos de um machado de pedra polida e de uma lâmina de sílex, oriundos do mesmo depósito e por si então publicados pela primeira vez (HELENO, 1922, p. 8).

### **3 – FREDERICO AUGUSTO DE VASCONCELOS PEREIRA CABRAL E O SEU RELATÓRIO DE 1866**

Tendo a origem da placa de xisto de Monte Real ficado esclarecida, importava conhecer melhor, se possível, as condições do seu achado.

Para tal, concorreu decisivamente a identificação do relatório elaborado por Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral datado de 20 de Junho de 1866, cuja existência até agora tinha sido apenas referida (CARDOSO, 2016), dirigido ao Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque. Ali dá conta das explorações por ele conduzidas no terreno, de que resultou a recolha de diversos materiais arqueológicos, entre os quais a placa de xisto em apreço, a qual deu entrada nas colecções da Comissão Geológica.

Trata-se de um depósito constituído por muitos restos humanos, acumulados de forma natural pelos agentes meteóricos, como defendeu Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral no que parecem constituir fendas ou cavidades do substrato geológico e não em uma gruta, conforme se indica na Fig. 7, correspondente a corte efectuado pelo autor e apenso ao seu relatório.

Pelo seu interesse, dado esclarecer definitivamente as condições dos achados e também pelo facto de constituir intervenção pioneira numa estação pré-histórica, muito bem caracterizada e descrita, procedeu-se à sua transcrição integral, com base na cópia manuscrita executada por funcionário da antiga Comissão Geológica de Portugal.

Este relatório foi remetido ao Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque acompanhado de Ofício de 20 de Junho de 1866 do seguinte teor, que encerra o manuscrito:

Amo. mo Sr.  
Me. Ex. Sr.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> alguns ossos humanos e instrumentos de pedra, achados n'uma sepultura antiga na collina, em que está assente a aldeia de Montecral, do concelho de Leiria; assim como alguns ossos humanos e machados de pedra, achados em diversos pontos do concelho de Grandola; o que tudo offereço á illustrada Commissão geologica de Portugal, que V. Ex.<sup>a</sup> dignamente preside.

Acompanham estes objectos duas noticias acerca das localidades e das condiçoes, em que elles foram encontrados.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> - Lisboa,  
20 de junho de 1866 - Amo. mo Sr.  
Conselheiro Filippe Folque Presi-  
dente da Commissão geologica de  
Portugal - (Assignado) Frederico A.  
de Vasconcellos Pereira Cabral.

Fig. 6 - Oficio datado de 20 de Junho de 1866 que acompanhou o envio do relatório elaborado por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral para o Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque. Cópia manuscrita da época.

*Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr.*

*Tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> alguns ossos humanos e instrumentos de pedra, achados n'uma sepultura antiga na collina em que está assente a aldeia de Monte Real, do concelho de Leiria, assim como alguns ossos humanos e machados de pedra, achados em diversos pontos do concelho de Grandola; o que tudo ofereço á illustrada Comissão geológica de Portugal, que V. Ex.<sup>a</sup> dignamente preside.*

*Acompanham estes objectos duas noticias acerca das localidades e das condições em que eles foram encontrados. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> O Lisboa, 20 de junho de 1866= Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr Conselheiro Filippe Folque Presidente da Comissão geologica de Portugal=(assignado) Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral.*

Importa assim registar o mérito deste pouco conhecido adjunto da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal como pioneiro esquecido das investigações pré-históricas em Portugal. Por tal motivo, considera-se plenamente justificada a curta caracterização do que foi a sua actividade científica, objecto de nota necrológica publicada aquando do seu passamento (DELGADO, 1887).

Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral nasceu no Porto a 25 de Abril de 1820. Entrou ao serviço da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal (1869-1886) em Junho de 1877 como adjunto, sendo capitão de Engenharia (SIMÕES, 1922, p. 55), na qualidade de engenheiro de minas com importantes provas e publicações já produzidas (CHOFFAT, 1918). Em 1881 publicou uma memória sobre os depósitos quaternários da bacia do Douro, onde aborda a presença de testemunhos glaciários por si supostamente ali identificados (CABRAL, 1881). Se o autor se equivocou no respeitante aos testemunhos glaciários, é no entanto importante o seu contributo para o estudo das formações sedimentares quaternárias existentes na região, devendo ainda ser lembrado pelo facto de naquela memória se apresentarem diversos instrumentos lascados, executados sobre seixos rolados, entre eles alguns indubitáveis (op. cit., Est. 2, n.º 3), que constituem os primeiros artefactos paleolíticos publicados em Portugal.

Desta memória, o autor apresentou um resumo a pedido de Carlos Ribeiro, à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado em Lisboa em 1880 (CABRAL, 1884 a), ilustrada com mais artefactos líticos talhados em seixos de quartzito, destacando-se os da Pl. III, n.º 2, que corresponde indubitavelmente a um biface acheulense, e n.º 5, que tudo indica seja um pico de tipo asturiense, sendo neste caso o primeiro exemplar publicado, cabendo ao autor a prioridade da identificação em Portugal destas indústrias, só muitos anos foram volvidos cabalmente identificadas, primeiro por Rui de Serpa Pinto, logo depois por Eugénio Jalhay, Joaquim Fontes e Abel Viana (CARDOSO & COITO, 2014/2015).

Em 1884, mantendo o interesse sobre a temática, publicou estudo sobre os vestígios glaciários da Serra da Estrela, estudo realizado por incumbência de Nery Delgado cujos trabalhos de campo decorreram no mês de Agosto de 1883 (CABRAL, 1884 b). O elevado interesse dos resultados obtidos, que vieram demonstrar, pela primeira vez, a presença de testemunhos glaciários no nosso país justificaram a publicação póstuma deste estudo, em francês, acompanhado de fotos e de um mapa que não constava da primeira versão do trabalho, agora publicado nas “Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal” (CABRAL, 1887), por iniciativa de Nery Delgado. Assim se prestou uma última homenagem pública àquele investigador, falecido a 12 de Setembro de 1886, que depois de se ter dedicado a estudos de engenharia de minas, se mostrou particularmente interessado pelo estudo do quaternário português e da Pré-História, como se comprova pelo relatório inédito dado agora a conhecer.

**Noticia ácerca da descoberta de uma sepultura antiga, contendo ossos humanos e instrumentos de pedra, na aldeia de Montereal, concelho de Leiria.**

*Na collina, em que assenta a pequena aldeia de Monte-real, na margem esquerda do Lys, a 11 kilometros da sua foz, no districto e concelho de Leiria observa-se um pequeno grupo de rochas sedimentares, encostadas a um acervo de rocha ignea, e que o manto das arenatas supra-cretaceas não pôde abarcar inteiramente. A serie de camadas a descoberto é muito limitada, apparecendo só nas ladeiras para léste e sueste, encostada ao cabeço diorítico de Monte-real, que forma o nucleo da collina. Em dois logares pude observar a direcção e inclinação dos estratos, sendo n'um a direcção no rumo de N. 77° E., e a inclinação de 88° para S. 13° E., e no outro a direcção para N. 53° O., e a inclinação de 45° para N. 37° E.*

*Consistem as camadas sedimentares em calcareos mais ou menos argillosos de côres, amarella, cinzenta, ou negra, já em bancos de alguns decimetros de espessura, já em stratos delgados. Não apresentam fosseis, a não serem vestigios raros de bivalves de formas semelhantes às de agua doce, encontradas nas camadas dos Barros-da-Granja, dois kilometros para oesnoroeste, ainda na margem esquerda do Lys, e que pertencem à mesma formação de Monte-real.*

*Esta serie sedimentar em vista das suas relações de posição, e da presença quasi exclusiva de fosseis de agua doce, Cyclades, Planorbis, provavelmente deve referir-se ao Grupo Valdense.*

*Está este depósito cortado por fendas, mais ou menos proximas da vertical, e sensivelmente perpendiculares à direcção dos bancos, variando a sua largura desde alguns milimetros até mais de um metro. Há ainda outras fendas, perpendiculares a estas, e parallelas à direcção dos bancos, mas em alguns casos com menos continuidade, que as primeiras, communicando com estas, e podendo então considerar-se como fazendo parte da mesma fractura, que seguiu por algum tempo a direcção das camadas como planos de menor resistencia.*

*Tendo em conta todos os factos, que se observam n'esta collina, não podem deixar de attribuir-se as fracturas à intrusão da rocha ignea.*

*Uma parte das fendas está cheia de argilla vermelha, ou amarellada, misturada n'alguns casos com pequenos fragmentos angulares das rochas, que constituem a collina. Outras estão vasias, e cobertas de incrustações e stalactites calcareas, que n'um logar pelo menos, ainda estão em via de formação, parecendo com tudo, que as causas, que concorreram para estas incrustações diminuíram muito de intensidade até à epocha presente. Pode verificar-se n'um ou n'outro ponto, que uma parte pelo menos das incrustações é anterior ao enchimento das cavidades pela terra argillosa.*

*Não é raro que as fracturas cheguem alli a alargar-se, a ponto de formarem pequenas cavernas, uma das quaes, muito circunscripta, a única, em que hoje se pode entrar, examinei, sem encontrar depositos ou restos organicos, que merecessem attenção. Dizem com tudo os habitantes de Monte-real, que existe pelo menos outra, muito maior, em que se podia andar em pé, depois de passar-se à entrada, que está hoje obstruída.*

*A terra argillosa, que enche uma parte das fendas, não apresenta indicio algum de ter sido para alli arrasada por grandes correntes de agua, que a teriam espalhado por todas as fendas, parecendo antes devida à acção lenta exercida por forças de intensidade analoga à das que presentemente alli actuam à superficie da terra, e que foram precipitando para aquellas das cavidades, que estavam abertas superiormente, as terras e detritos mais ou menos finos, resultantes da desaggregação das rochas superficiaes, a que se junctavam as provenientes das paredes das fendas, encontrando-se ainda entre ellas algumas raras, conchas de caracoes recentes.*

*A existencia de fendas e cavernas n'aquelle logar deve chamar tanto mais a attenção, quanto que n'uma d'ellas, que seguia a direcção dos estratos, se encontraram em Abril de 1864 ossos humanos, que foram enterrados no cemiterio de Monte-real.*

*O local em que estes foram casualmente descobertos, ainda pode ser examinado, apesar de ter sido arrancada a parte da rocha, que os occultava, e ainda lá encontrei alguns, entre elles um pedaço de uma maxilla superior com quatro dentes molares, apresentando a corôa de trez d'estes uma superficie muito gasta, e quasi raza, apesar do individuo, a quem pertenceu a maxilla ter morrido muito moço, como o prova a incompleta desinvolução do último molar, que não chegava ainda à altura dos outros, nem apresentava vestigios de gastamento. Não tem nenhum dos dentes signal de carie.*

*Com estes ossos se achavam diversos objectos, que caracterisam a idade de pedra; facas de silex, que parecem não ter sido usadas: machados de grunstein; laminas de louza de forma quadrangular, determinada por quatro linhas ligeiramente curvas; tendo um buraco, como para passar-se um fio, pelo qual se traziam as laminas suspendidas, e apresentando n'uma das faces desenhos toscos, que consistem em series transversaes e sobrepostas de triangulos sensivelmente isosceles, cuja base é menor, que qualquer dos outros lados (1). Alem d'estes objectos, fui informado, de que se acharam, tambem misturados com os ossos, vieiras (pecten) de grandes dimensões, e encontrei ainda uma valvula de mexilhão da especie comum (mytilus edulis). Não appareceu porem objecto algum de metal.*

*Os ossos achados pertenciam a talvez mais de quinze esqueletos, reunidos n'uma cavidade de forma alongada, onde não poderiam de modo algum ter cabido conjuntamente quinze corpos humanos; que fazia parte de uma fenda longitudinal, ou no sentido da direcção da camadas; - e cujo prolongamento ainda se vê. É para notar, que os ossos conservavam proximamente as suas respectivas posições, com relação ao esqueleto, e indicavam, que os corpos, que tinham pertencido a individuos de todas as edades, sem exceptuar crianças, tinham sido todos deitados para o mesmo lado.*

*Repouzavam estes ossos sobre uma superficie quasi horisontal da rocha in situ, e que constituia o fundo da cavidade. Não pude achar vestigios, de que esta fosse feita artificialmente; mas as investigações, que fiz, foram limitadissimas, e além disso a ablação de uma parte das rochas, que a fechavam, torna impossivel a observação de circumstancias, cujo conhecimento muito interessaria. Com tudo devo advertir, que o facto de apresentar o fundo da cavidade uma superficie quasi horisontal de rocha na maxima parte da sua extensão, explica-se facilmente, sem invocar a intervenção do trabalho humano, lembrando-nos, que as camadas sedimentares da collina affectam posições quasi verticaes, e estão muito fracturadas em diversos sentidos; e que uma das fendas, que corre na direcção dos stratos podia ter seguido por alguma extensão um plano proximamente perpendicular a elles, que os tivesse cortado, dando logar o afastamento das paredes da fenda à formação de um degrau ou saccada, como o representa o seguinte esboço.*

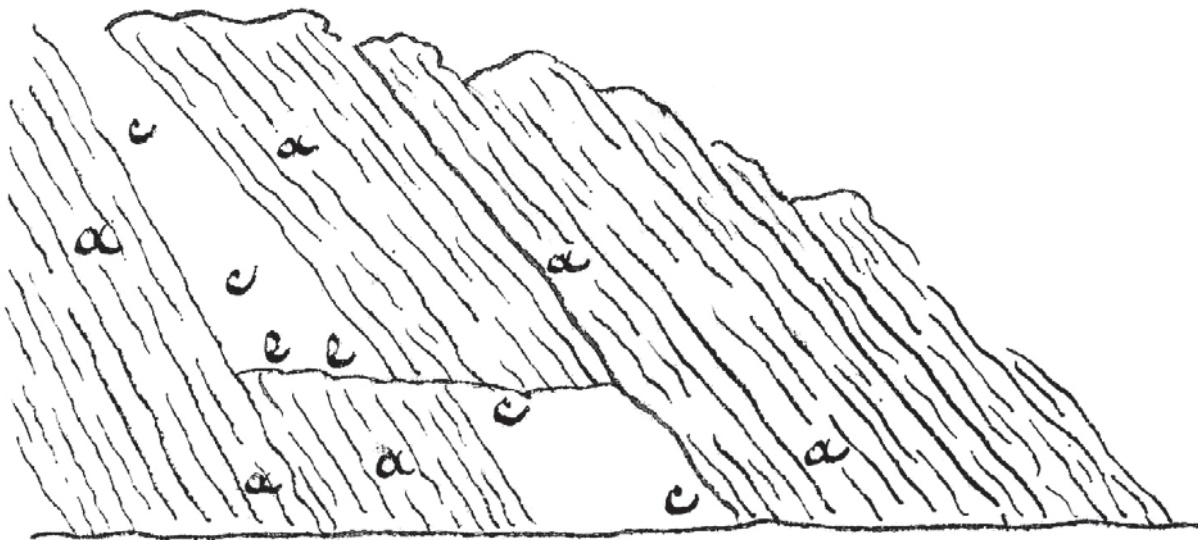
*aaa bancos de rocha.*

*ccc fenda longitudinal.*

*eee parte horisontal da parede da fenda, em que podiam repouzar ossos.*

*De um e outro lado do jazigo, e cortando perpendicularmente a fenda, que o constituia, existem outras duas fendas transversaes à stratificação, à distancia proxima de dois metros uma da outra. Na intersecção de uma d'estas com a que constituia o jazigo, existia naturalmente um adito mais amplo para este, e que, ou offerecia a largura precisa para descer os corpos, ou foi alargado, do que hoje, não se podem colher provas.*

*Esta noticia tem por fim registrar factos bem averiguados, mas que hoje não podem observar-se, por ter sido em parte destruido este interessante jazigo de ossos humanos. As condições, em que estes foram encontrados, conhecê-as por informações conformes de diversas pessoas de Monte-real, e particularmente do Snr Antonio de Araujo Lacerda, professor de instrucção primaria, e que presidiu à recollecção dos ossos, enterrados depois no cemiterio da parochia; assim como ao pedreiro Joaquim Ferreira Rito, o mesmo, que os descobriu; concorreu à*



**Fig. 7** – Corte esquemático das condições geológicas observadas no local do depósito funerário, correspondente a acumulações de brecha óssea nas fendas concordantes com a estratificação dos calcários ali aflorantes. Desenho em folha solta da autoria de Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral que acompanha o respectivo relatório e dele faz parte integrante.

*sua exumação, e recolheu muitos productos d'arte, que com elles se achavam. Tanto a um, como a outro devo o favor de ter, podido recolher alguns d'estes objectos, como uma faca de silex, um machado de grunstein, e uma lamina de louza, que já descrevi, e que offereço à Commissão geologica.*

*Tanto o fragmento de maxilla superior, como outros ossos, e o fragmento de concha de mexilhão, achei-os uns entre o entulho tirado da cavidade, que continha os ossos, e outros entre a terra argillosa, que enche as suas fendas transversaes, que limitavam o jazigo de um e outro lado, e com elle communicavam. Os ossos, quando o pedreiro Rito os encontrou, estavam envolvidos, ou parcialmente cobertos por uma terra avermelhada, semelhante à que enche algumas das fendas da collina. Na mesma superficie da pedra, em que repouzavam, ainda vi, e ainda lá deixei alguns, de pequenas dimensões, empastados na terra argilloza avermelhada, e endurecida, provavelmente pelo elemento calcareo, proveniente d'elles, de modo que apresentam o aspecto de uma verdadeira brecha ossea.*

*Devo notar, que, o que eu mesmo vi n'este local, um anno depois de exumada a maxima parte dos ossos, e o que provavelmente ainda hoje alli se pode observar, se explicaria perfeitamente, suppondo, que os ossos humanos, existentes à superficie da terra, tivessem cahido, ou sido arrastados pela acção da agua para fendas da rocha, de mistura com as terras e detritos, produzidos pela acção erosiva dos agentes atmosfericos. Mas os factos comprovados pelo testemunho conforme de diversas pessoas, que viram o jazigo, e assistiram à exumação, não permitem acceitar esta explicação, que daria uma ideia erradissima da proveniencia d'aquelles, e tiraria muita importancia à sua descoberta. A inspecção do local não permite a menor hesitação em attribuir a brecha ossea, e os ossos disseminados nas terras das fendas lateraes, à dispersão de uma parte dos ossos do jazigo pelos agentes naturaes, sabendo-se, que alli se encontraram accumulados um numero consideravel de esqueletos humanos.*

*De tudo o exposto creio poder concluir-se com segurança o seguinte:*

- 1º – Encontrou-se n'uma fenda ou cavidade, aberta, ao que parece, naturalmente, nas rochas calcareas da collina de Monte-real, uma accumulção de ossos humanos, que pela grandesa do espaço, que occupavam não deixavam a menor duvida, de que provinham de corpos, que alli foram inhumados, periodica, e não simultaneamente.*

2º – Estes ossos provinham de individuos de todas as edades, não exceptuando impuberes.

3º – Os dentes, ainda presos ao fragmento de maxilla superior, que pôde ser recolhido, apresentam os signaes de gastamento, que é característico dos dentes humanos, encontrados em outros logares, e que pertenceram a individuos das epochas pre-historicas.

4º – A presença dos objectos de pedra, como facas de silex, machados de grunstein, laminas de louza lavradas e tambem a de conchas marinhas recentes, achadas com estes ossos, não se explica plausivelmente, senão suppondo estes objectos depositados n'aquella sepultura, juncto com os corpos humanos.

*Relação dos objectos, que offereço à Commissão geologica, achados na sepultura antiga de Monte-real.*

*Uma faca de silex em perfeito estado, e não indicando ter sido muito usada.*

*Uma lamina de louza, de forma quadrangular, affeçoada, tendo um pequeno buraco, como para poder trazer-se suspensa, e desenhos toscos de forma triangular n'uma das faces.*

*Um machado de rocha amphibolica, ou pyroxenica, a que chamei grunstein.*

*Um pedaço de concha de mexilhão, achada com os ossos.*

*Um fragmento de maxilla superior humana tendo ainda implantados quatro dentes molares, e que pertenceu a um individuo adulto, mas jovem, dos que foram enterrados na sepultura antiga de Monte-real.*

*Uma porção de ossos humanos de diversas partes do corpo, e que tinham cahido do jazigo para as fendas lateraes da rocha.*

*Uma queixada, que parece de cão, outra, que parece de coelho, outra de um pequeno reptil, achadas nas fendas da rocha em communição com a sepultura, misturadas com outros ossos talvez dos mesmos animaes.*

*Lisboa, 20 de junho de 1866.*

*(assinado) Frederico Augusto de Vasconcellos Pereira Cabral.*

#### 4 – CONCLUSÕES

Este estudo permitiu obter diversas conclusões, destacando-se as seguintes:

1 – Com base na cuidadosa descrição geológica do local da jazida efectuada por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, cerca de um ano depois de terem sido recolhidos os restos humanos, sepultados no cemitério da povoação, permitiu clarificar a natureza da ocorrência arqueológica. A abordagem, de natureza eminentemente científica adoptada pelo autor do relatório na interpretação do depósito funerário pré-histórico, com base em factos de observação por ele descritos, conduziu-o a classificar o local como necrópole colectiva pré-histórica, utilizada durante um determinado período de tempo e não apenas num único momento. Merecem destaque a qualidade das observações e as deduções delas decorrentes, em resultado da formação técnico-científica do autor, na qualidade de engenheiro adjunto à Secção dos Trabalhos Geológicos.

2 – É interessante que, em 1922 se conservava ainda na memória colectiva da população de Monte Real a transladação para o cemitério da povoação dos restos humanos, conforme se encontra registado por mencionado Heleno, que ele refere ter sido realizada em 1864, no que estava correcto, ainda que não tivesse conhecimento do relatório, agora pela primeira vez publicado.

- 3 – A caracterização apresentada por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral leva à conclusão de que o depósito mortuário correspondia a brecha óssea constituída por ossos que ainda conservavam em alguns casos conexão anatómica, pertencentes a indivíduos de diversas idades. Conforme refere essa acumulação verificar-se-ia em diversas fendas existentes no maciço calcário concordantes com a estratificação, acidentalmente posta à vista talvez devido a trabalhos agrícolas, proporcionando a recolha de espólios arqueológicos e antropológicos pela população. O processo de acumulação de tais restos nas fendas das rochas, segundo o autor do relatório, teria sido natural, em resultado da actuação dos agentes meteóricos; porém, a aludida presença de elementos em conexão anatómica deixa em aberto a possibilidade de se estar perante um depósito funerário secundário, onde tais restos tivessem sido depositados, já desprovidos das partes moles; em abono desta última hipótese é de reter a observação de que o espaço disponível não seria suficiente para albergar quinze corpos que ali pudessem ter sido depositados.
- 4 – Foi neste depósito funerário que se recolheu a placa de xisto, dita de Monte Real, o qual nada tem a ver com uma anta, a “anta de Monte Real”, monumento que, como agora seguramente se conclui, jamais existiu.
- 5 – A intervenção arqueológica levada a cabo por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral em Monte Real foi das mais precoces realizadas no nosso país, dado ter sido feita apenas um ano depois das escavações efectuadas em 1864 no concheiro mesolítico do Cabeço da Arruda por Carlos Ribeiro e coeva das realizadas em 1865 nas grutas do planalto das Cesaredas – Casa da Moura (Peniche), por Joaquim Filipe Nery Delgado. Deste modo, foi também o sítio onde se recolheu, pela primeira vez, a par da Casa da Moura, uma placa de xisto identificada como artefacto pré-histórico, cuja história pôde ser finalmente completada mediante a publicação do presente relatório. Deste modo, o nome de Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral pode ser considerado como um dos pioneiros da investigação pré-histórica em Portugal. Nome injustamente esquecido, porquanto os seus trabalhos sobre os pretensos testemunhos glaciários na bacia do Douro, conduziram, não obstante, à publicação, em Portugal, dos primeiros materiais paleolíticos, associados à cuidadosa descrição dos depósitos quaternários correlativos. Bastaria tal facto para inscrever o nome deste hoje esquecido engenheiro adjunto da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal entre os dos pioneiros da arqueologia pré-histórica do nosso país, posição que a qualidade do relatório agora publicado de sua autoria, claramente vem confirmar.

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, então Director do Museu Nacional de Arqueologia, por ter autorizado o acesso e estudo do Arquivo de Estácio da Veiga, de onde se reproduziu o decalque da placa de Monte Real.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, F. V. Pereira (1881) – *Estudo de depósitos superficiaes da Bacia do Douro*. Lisboa: Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal.



- CABRAL, F.V. Pereira (1884 a) – Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. Présence de l'homme, vestiges d'action glaciaire. *IX Sessão do Congresso Internacional de Anthropologia e de Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880)*. Actas. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, p. 155-189.
- CABRAL, F.V. Pereira (1884 b) – Vestígios glaciários na serra da Estrella. Rochas striadas, penedos erráticos, morenas. *Revista de Obras Públicas e Minas*. Lisboa. 177 e 178 (separata de 26 p.).
- CABRAL, F.V. Pereira (1887) – Traces d'actions glaciaires dans la serra d'Estrella. Roches striées, blocs erratiques, moraines. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 1 (2), p. 189-210.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In RAMALHO, M. M. (coord.), *Nery Delgado (1835-1908) geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico/INETI/Centro de História e Filosofia da Ciência – FCTUNL, p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal” e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In BICHO, N., DETRY, C.; PRICE, T. D. & CUNHA, E., *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing, p. 1-18.
- CARDOSO, J. L. (2016) – Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação. In *Terra e água. Escolher sementes, invocar a deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016), p. 69-80.
- CARDOSO, J. L. & COITO, L. C. (2014/2015) – Correspondência de Abel Viana a José Leite de Vasconcelos: do mérito ao reconhecimento. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 21-83.
- CARNEIRO, A. (2005) – Outside government Science, “Not a single tiny bone to cheer us up!” The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the involvement of common men, and the reaction of civil society to geological research. *Annals of Science*, 62, p. 141-204.
- CARNEIRO, A.; MOTA, M. S. & LEITÃO, V. (2013) – *O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974)*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CHOFFAT, P. (1918) – VIII. Biographies de géologues portugais. 11. – Frederico A. de Vasconcelos de A. Pereira Cabral. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa 12, p. 275.
- COSTA, F.A. Pereira da (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências.
- DELGADO, J. F. Nery (1887) – Préface. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa 1 (2), p. V-VII.
- HELENO, M. (1922) – *Antiguidades de Monte Real*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1).
- MORTILLET, G. de (1868 a) – Dolmens de Portugal. *Matériaux pour l'Histoire Primitive de l'Homme*. Paris. 4, p. 336-339

- MORTILLET, G. de (1868 b) – Monuments mégalithiques du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Deuxième Session (Paris, 1867)*. Paris: C. Reinwald, p. 180-185.
- SIMÕES, A. F. (1878) – *Introdução à Archeologia da Península Ibérica. Parte primeira Antiguidades prehistoricas*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- SIMÕES, J. M. Oliveira (1922) – *Os Serviços Geológicos em Portugal*. Lisboa: Museu Comercial anexo ao Instituto Superior de Comércio de Lisboa.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905) – Acquisições do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 89-92.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1914) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 300-323.
- VEIGA, S. M. P. Estacio da (1887) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Tempos prehistoricos. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VELHO, E. de Liz (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Tórpes*. Lisboa: Na oficina de Miguel Manescal da Costa.